

O EU E SEUS ABALOS SÍSMICOS: CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS À TEORIA DO TRAUMA

THE EGO AND ITS SEISMIC SHOCKS: CONTEMPORARY CONTRIBUTIONS TO TRAUMA THEORY

EL YO Y SUS SHOCKS SÍSMICOS: CONTRIBUCIONES CONTEMPORÂNEAS A LA TEORÍA DEL TRAUMA

Berta Hoffmann Azevedo¹

Resumo: Partindo de inquietações clínicas e de estímulo cinematográfico, o artigo desenvolve a metáfora geológica do abalo sísmico para discutir as contribuições de alguns autores da psicanálise contemporânea nos campos dos traumatismos capazes de abalar as estruturas e o funcionamento do eu. André Green, Jean Bertrand Pontalis, Joyce McDougall e Piera Aulagnier são apresentados como psicanalistas que desenvolveram suas teorias em terrenos clínicos limites, áreas de instabilidade nas quais a estrutura do eu estaria sujeita a maiores tremores e o estilo aproximativo clássico do psicanalista tenderia a fazer fracassar nossos esforços.

Palavras-chave: Trauma. Narcisismo. Eu. Psicanálise contemporânea.

Abstract: Starting from clinical concerns and cinematic stimulus, the article develops the geological metaphor of seismic tremors to discuss the contributions of some contemporary psychoanalysts to the field of traumas capable of shaking the structures and functioning of the ego. André Green, Jean Bertrand Pontalis, Joyce McDougall, and Piera Aulagnier are presented as psychoanalysts who developed their theories in clinical borderline areas, zones of instability where the ego's structure would be more prone to tremors and where the classical approach of the psychoanalyst tends to hinder our efforts.

Keywords: Trauma. Narcissism. Ego. Contemporary psychoanalysis.

Resumen: A partir de preocupaciones clínicas y estímulos cinematográficos, el artículo desarrolla la metáfora geológica del terremoto para discutir las contribuciones de algunos autores del psicoanálisis contemporáneo en el campo de los traumas capaces de sacudir las estructuras y el funcionamiento del yo. André Green, Jean Bertrand Pontalis, Joyce McDougall y Piera Aulagnier se presentan como psicoanalistas que desarrollaron sus teorías en terrenos clínicos límite, áreas de inestabilidad en las que la estructura del yo estaría sujeta a mayores temblores y el estilo aproximativo clásico del psicoanalista tienden a fracasar en nuestros esfuerzos.

Palabras clave: Trauma. Narcisismo. Yo. Psicoanálisis contemporáneo.

¹ Psicanalista, membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mestre em Psicologia Clínica (PUCSP), coordenadora do Módulo História da escuta psicanalítica no curso Introdução à Escuta Psicanalítica (DAC-SBPSP), autora do livro *Crise pseudoepiléptica* (Coleção Clínica Psicanalítica – Pearson), editora do *Jornal de Psicanálise* (SBPSP). E-mail: bertaazevedo@hotmail.com

Andei lendo sobre movimentos geológicos. Preciso mencionar que nem de longe é minha especialidade, mas acho incrível pensar que vista do espaço, a Terra aparenta uma unidade e calma maiores do que tem. Pela aparência não diríamos que sua camada mais externa é formada por placas tectônicas de diferentes tamanhos em constante movimento, embora seus efeitos se façam sentir de tempos em tempos em determinadas localidades. As placas se afastam, movidas pelo magma que é pressionado para a superfície, e também se aproximam e colidem umas com as outras, situação na qual tremores de terras podem ser sentidos.

Lendo um pouco, descobri que zonas de tensão são criadas justamente nas bordas das placas, e quando esse acúmulo de pressão é liberado acontece um terremoto. Esses abalos sísmicos podem ser de grande magnitude, quando, então, são capazes de destruir áreas e construções inteiras. Uma das maiores catástrofes naturais, o tsunami, é também decorrente do choque entre placas tectônicas, dessa vez na costa: empurradas por forças do interior do planeta, uma placa entra embaixo da outra, levanta parte dela e faz inundar a região litorânea.

A teoria das placas tectônicas sucedeu de uma outra, a teoria da deriva continental de Wegner, que defendia que, há milhões de anos, a Terra era composta de um único supercontinente, chamado Pangeia. Não apenas o aspecto morfológico dos continentes parecia compor um perfeito quebra-cabeça, mas também a existência de fósseis semelhantes nos diversos continentes foi um argumento para sustentar a hipótese de que a Terra teria sido uma massa única que se dividiu.

Reservemos esse devaneio geológico como alegoria para nos voltarmos aos abalos estruturais no eu e as contribuições de autores da psicanálise contemporânea nesse campo. São psicanalistas que desenvolveram suas teorias em terrenos clínicos limites, áreas de instabilidade nas quais a estrutura do eu está sujeita a maiores tremores e o estilo aproximativo clássico do psicanalista tende a fazer fracassar nossos esforços.

O TERRITÓRIO LIMITE DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Com psicanálise contemporânea, não me refiro à adjetivação geral das práticas psicanalíticas de hoje em dia. O sentido que me interessa é aquele atribuído por André Green, que chama de psicanálise contemporânea o movimento coletivo de investigação que parte dos limites da analisabilidade para construir modelos que articulem o intrapsíquico e o intersubjetivo, e examinem o trabalho de representação e seus fracassos, a partir da noção de enquadre.

Sem constituírem uma nova escola de psicanálise, os pioneiros desse movimento (Green, Pontalis, McDougall, Aulagnier, Anzieu, Laplanche, entre outros) conviviam no ambiente francês da década de 1970 e partilhavam desafios clínicos comuns, aos quais responderam de maneira não homogênea. Alguns deles desenvolveram sistemas teóricos mais organizados, outros menos; em todo caso, o diálogo que mantiveram entre si fez amadurecer as proposições teórico-clínicas de cada um. Em comum, tinham também a experiência de testemunhar a transformação de Lacan de autor genial em líder dogmático. Green (1999) e Pontalis (2017) afirmam de forma muito semelhante que os autores mais interessantes dessa geração tinham sido aqueles que passaram por Lacan e se afastaram dele: estiveram próximos a ponto de serem marcados por sua aguda capacidade de recortar questões relevantes e tomaram suficiente distância para preservar sua autonomia de pensamento. Embora o chamado lacaniano a um retorno a Freud tenha incidido firmemente sobre eles, puderam atendê-lo assumindo uma perspectiva plural mais ampla que a do lacanismo, auxiliados pelos aportes ingleses que se atreveram a ler com seriedade para complementar ou contrapor os de Lacan. Pontalis (2017) refere que a realização do projeto que resultou no *Vocabulário de psicanálise*, junto a Laplanche, foi fundamental para a percepção de que a obra freudiana era mais rica e complexa do que tentava reduzir o retorno a Freud de Lacan. O grupo, que assistiu a discípulos mimetizarem o mestre em seus modos de falar, vestir e andar, estabeleceu entre si um pacto geracional antidogmático, como bem nos conta Urribarri (2017).

Além disso, diante de fenômenos clínicos pouco simbolizados, cada um deles, por caminhos singulares, respondeu à necessidade de oferecer uma teoria para o originário, e é precisamente nesse ponto que este artigo tenta contribuir, destacando os horizontes abertos por alguns desses autores em relação à problemática do trauma e seus efeitos para a estrutura narcísica primária.

A noção de trauma é participante da psicanálise desde seus primórdios e recebeu aportes complementares ao longo dos anos. Esse não foi um conceito uno na obra de Freud, tampouco na psicanálise depois dele. As múltiplas dimensões destacadas nas diferentes abordagens participaram das bases que influenciaram os autores objeto da minha comunicação. Não são, portanto, teóricos que criaram do nada: valeram-se das teorizações de Freud e dos pós-freudianos de forma suficientemente autoral para que resultassem relevantes para a expansão da sensibilidade e do manejo clínicos do traumático incidente sobre a unidade e funcionamento do eu.

UM CHAMADO DA CLÍNICA

O rodeio teórico que me proponho a fazer aqui é motivado pela clínica e pelas variadas situações que me ajudaram a ver os tremores do eu em ação. Em uma dessas ocasiões, uma paciente em crise de despersonalização, ao perceber que perdia mais uma vez o investimento da sua unidade, recuperou-se segurando um objeto gelado. Noutra, uma jovem que sentia se dissolver no caos cortou-se para aliviar a agonia e estancar a sensação de se diluir. Ambas parecem ter recrutado intuitivamente o corpo para se resgatar, lembrando à analista que uma unidade comparável ao eu só é possível se puder ser investida, e que o corpo pode ter uma função importante nessa operação.

Fenômenos semelhantes repetidamente surgidos na clínica me fizeram perceber que tal como a Terra, o eu tem menos garantias de unidade e calma do que se pode supor à distância. Há traumatismos capazes de incidir contundentemente nos investimentos e desinvestimentos do eu e nos modos de produzir equilíbrio narcísico.

Passemos a uma vinheta que acrescenta um elemento adicional: o registro dessas marcas traumáticas no originário. Maria, uma mulher alemã que viajava a trabalho para o Chile, de passagem em conexão por Buenos Aires, ouve uma mãe argentina cantar uma canção de ninar em espanhol. Não conhece a língua, mas descobre que sabe cantar a música. A súbita vivência de familiaridade a arrebatava em uma comoção perturbadora que a faz explodir em lágrimas e manifestações somáticas de angústia. Tenta em vão se acalmar lavando o rosto no banheiro. Letra e melodia eram catalisadoras de significativas sensações que ela pouco podia explicar. Evocavam memórias que ela não distinguia, impressas sensorialmente no corpo e desencadeadas da mesma maneira.

Recorre ao pai: precisava esclarecer tão significativa experiência de *Unheimliche*, daquelas que não se dissipam no momento seguinte. Foi então que descobriu, perplexa, ser filha adotiva dos pais que sempre conheceu, e de pais biológicos desaparecidos na ditadura Argentina, sobre os quais nunca ouvira falar.

Como alguns de vocês podem ter reconhecido, essa é a primeira cena do filme alemão-argentino *O dia em que eu não nasci* (2011), dirigido por Florian Cossen, mas que só tive a oportunidade de assistir por indicação dos colegas Patrícia Formigoni Moraes e Francisco de Holanda Marques Jr., para ser discutido em um seminário que coordenei na SBPSP sobre *Construções em análise*.

O enredo nos serve de ponto de partida para uma questão enigmática: Como estão representadas e podem ser recuperadas as vivências anteriores à assunção de um eu capaz de se contar em palavras sobre seu próprio vivido? Que sorte de memória é essa, testemunha da intensidade de encontros e desencontros primários a se rerepresentar na vida em reações tão incontrolláveis quanto carentes de decifração?

Fora das telas do cinema, nem sempre há revelações surpreendentes e esclarecedoras que iluminam o que se passou. Geralmente ficamos apenas com o que assalta, com a reação aberrante. É com esse desconcertante impacto de pequenos eventos que lidamos na clínica, manifestações em ato ou no corpo, inundações de angústias insondáveis, doloridas repetições transferenciais incompreensíveis, que não dispõem do personagem revelador dos segredos que faz tudo se encaixar. No divã, nossa pesquisa tem pistas mais dispersas, mas sustentamos o potencial de sentido que o *Unheimliche* porta.

Freud (s.a., p. 378), em *Construções em análise*, na frase inspiradora que parece anteciper as ideias sobre o medo do colapso de Winnicott (2005), afirma que

o deslocamento da pré-história esquecida para o presente ou para a expectativa de futuro é uma ocorrência regular, também no neurótico. Muitas vezes, quando um estado de angústia o deixa na expectativa de que algo terrível vai acontecer, ele apenas está sob a influência de uma recordação recalçada que quer chegar à consciência e que não pode se tornar consciente naquela época em que, de fato, algo assustador aconteceu.

Foi também Freud que nos ensinou que “saber nem sempre é a mesma coisa que saber: existem diferentes formas de saber, que estão longe de serem psicologicamente equivalentes” (2006, p. 288). Frente a algumas dessas formas de saber, o recurso das nossas construções e alegorias nos auxilia a dar alguma forma ao informe, fisingando uma “carpa da verdade” difícil de acessar de outras maneiras.

Em *Moisés e a religião monoteísta*, Freud (2001b) é claro em afirmar que não temos acesso ao arcaico original sem deformação. O trabalho do psicanalista é sobre a construção psíquica em cima do vivido. “Aprés coup, o arcaico”, diz Green (1990b).

Está aí a questão que me orienta neste escrito: Como pensar esse saber que se faz ouvir por modos representativos tão heterogêneos? E que relação se estabelece com o traumático?

O ORIGINÁRIO E A VIOLÊNCIA DO DISCURSO DO OUTRO

Piera Aulagnier (1979), entendendo que o objetivo do aparelho psíquico é representar – e que a forma como esse trabalho se dá varia conforme o registro psíquico em jogo –, completa as proposições freudianas sobre os processos primário e secundário com a noção de originário. Aquém da organização fantasmática encontrada no primário, o originário é determinante para sua fundação. Originário, primário e secundário teriam respectivamente como formas de representação o pictograma, a fantasia e o enunciado. Essa perspectiva, dos diferentes modos de criar sentido para a própria experiência em cada registro psíquico, respondia às necessidades de sua clínica, intensamente dedicada à psicose.

O interesse pelas múltiplas formas de representação também encontramos em André Green. O autor de *O trabalho do negativo* nomeia como teoria da representação generalizada a perspectiva que considera o gradiente representativo que permite acompanhar os fenômenos que atestam falha no funcionamento da representação de coisa. Assim como a criadora do “Quarto grupo”, também Green julga necessário considerar as condições mínimas para a representação de coisa, não sendo suficiente partir de sua garantia para acesso aos estados limite. Entre o representante psíquico da pulsão e seus desdobramentos em representação de coisa e de palavra, pode haver outros caminhos mais evacuativos, bem conhecidos desde Bion. Há situações nas quais o reinvestimento das marcas mnêmicas, necessário à representação de coisa, está impedido pela dor que provoca, ficando esse trabalho de representar impactado pelo traumático.

Voltando a Aulagnier, a autora formula que no contexto da indiscriminação originária, antes da assunção de um eu, é pela via do corpo e do sensorial que se dará o trabalho representativo primordial. A experiência de complementariedade boca-seio fica inscrita como

pictograma e é vivida como autoengendrada, formando um núcleo onipotente de autocriação de prazer ao longo da vida.

O que ocorre é que fazer nascer um filho repercute no acordar pulsional dos pais, incluindo o pulsional mortífero e as marcas traumáticas de suas próprias relações primárias. Essa conjuntura pode promover vivências de prazer e potência, mas também de desprazer e rejeição. A experiência de corpo, vale ressaltar, não existe intrapsiquicamente desarticulada da relação com o porta-voz e a sombra falada que ele produz, onde violências de sentido se fazem sempre ouvir. A troca sensorial é acompanhada pelo que Aulagnier (1979) chama de violência primária, experiência humana universal de antecipação de um eu por outro, mas que pode se desdobrar em uma violência secundária traumática quando há imposição de significados ou interpretações alheios à experiência do *infans*.

Os enunciados vindos do porta-voz nem sempre antecipam o direito a uma existência autônoma e separada, às vezes resultam em invasão do espaço psíquico, alienação e obstáculo para a formulação de um discurso próprio.

As derivas de tais encontros são capazes de afetar a construção e a manutenção de um projeto identificatório investível para o sujeito, ou seja, atrapalham a concepção de um futuro vivível. Desencontros traumáticos primários têm o potencial de afetar os movimentos de subjetivação e psiquização, e uma vez que foram vividos no território corporal, podem torná-lo (o corpo) representante da dimensão traumática de que foi testemunha.

Embora a teoria de Aulagnier respondesse prioritariamente à questão psicótica, os temas da alienação e das relações passionais como soluções para o conflito identificatório a colocaram na roda do debate coletivo sobre estados limite.

JOYCE McDougall: O TRAUMA E OS TEATROS DO EU E DO CORPO

A perspectiva das soluções é a forma de pensar prioritária de outra importante autora desse movimento: Joyce McDougall. Para ela, haveria traumas universais com os quais todo humano precisaria lidar e responder com o que lhe fosse possível a partir das vicissitudes experienciadas nos encontros primários. O trauma da alteridade seria uma dessas rochas a serem enfrentadas na vida, que o bebê não é capaz de metabolizar só, e que, portanto, complica-se consideravelmente quando a troca intersubjetiva primária não assegura o direito a um corpo, uma sexualidade e um psiquismo próprios. Os entraves nessa relação seriam responsáveis por fracassos na construção do espaço transicional descrito por Winnicott, resultando em dificuldades na separação primária e tentativas de manter a ilusão de fazer um com o outro, em fantasias de um corpo para dois, um sexo para dois, um psiquismo para dois. Essa espécie de *fantasia de Pangeia psíquica* é ao mesmo tempo uma via para representar a relação erótica primitiva com o corpo materno e também a impossibilidade de existir separadamente. “O corpo é dotado de uma memória tenaz”, diz McDougall (1989, p. 188). Corpo, zona privilegiada de fusão com a mãe, onde através dos sintomas, é possível perceber o temor de perder seus limites corporais e o prazer irrenunciável.

Nas somatizações, resultado da clivagem entre soma e psíquico, McDougall reconhece uma linguagem somática, na qual o corpo se torna palco de um teatro que é expressão do traumático e reconquista de limites.

Em um de seus textos, apresenta-nos Georgette, uma paciente polissomatizante com importantes alergias de pele que, ao encontrar a analista bronzeada de sol após as férias, exclama: “Mas o que foi que a senhora fez no meu rosto?” De forma semelhante, referindo-se ao marido da analista, diz: “Acabei de encontrar o nosso marido na rua”. Falas desconcertantes que testemunhavam a “con-fusão” entre elas. Os fenômenos psicossomáticos com os quais McDougall (1989) trabalhou durante muitos anos foram o solo que lhe permitiu reconhecer a sexualidade arcaica se manifestando em fantasias e a invenção de modos próprios de concomitantemente se separar e não se separar do objeto.

A autora identifica que os efeitos traumáticos de uma separação primária malsucedida e a insuficiente instauração de uma área transicional funcional buscavam ser compensados por relações aditivas estabelecida com pessoas, jogos e drogas. Tanto as soluções psicossomáticas como as aditivas seriam, desse modo, tentativas de contornar o trauma da alteridade, evitando que os abalos sísmicos fizessem desmoronar a frágil estabilidade narcísica.

André Green foi um dos interlocutores principais de McDougall, justamente por suas contribuições fundamentais para a problemática não neurótica. Segundo o autor, os traumatismos primários se fariam escutar pelas falhas na construção da estrutura enquadrante do narcisismo, conceito criado por ele com base na escuta dos estados limite.

Ao transformar limite em conceito, o autor teoriza sobre o relativo fracasso no estabelecimento do que chamou de duplo limite: aquele que divide simultaneamente dentro e fora e as instâncias intrapsíquicas. A dupla função do objeto primário – excitar e conter as pulsões do sujeito – pode falhar, e, além do mais, acrescentar desafios ainda maiores. Quando aquele que ocupa a função de objeto primário para o sujeito não é capaz de ligar as suas próprias pulsões sexuais e destrutivas, então descarregadas na relação, é exigida do sujeito a atuação em um duplo conflito: não apenas do eu com suas próprias pulsões, como também do eu com as pulsões do seu objeto primário. O embaralhamento e a dificuldade na discriminação e na separação primárias junto ao objeto-trauma acenam no horizonte, tal como no caso clínico do paciente que Green nomeou de Gabriel. Ele lhe confia conseguir ouvir a mãe chamar seu nome, embora ela estivesse a quilômetros de distância. Com os limites intrapsíquicos e intersubjetivos afetados, o sujeito precisa se transformar em um “limite móvel” (GREEN, 1990a), sempre engajado em se proteger de atravessar e ser atravessado e da dupla angústia de intrusão e abandono.

Georgette, de McDougall (1989), travava batalha semelhante à angústia descrita por Green. Além de também manter a crença em uma conexão indiscriminada com a mãe, que lhe dava a sensação de poder ser ouvida por ela à distância, e da vivência contratransferencial experimentada pela analista de ter sua identidade usurpada (semelhante àquela vivida por Green com Gabriel), vemos nas manifestações cutâneas de Georgette simultaneamente a necessidade de sentir a presença materna e o horror de grudar-se a ela, numa luta paradoxal entre o desejo de se fundir e os temores arcaicos a ele relacionados. Esse sobreinvestimento da pele, área litorânea de união e separação, atestava o esforço por compensar as dificuldades na criação de um espaço transicional operante.

A plataforma de autoinvestimento que é a estrutura enquadrante, quando abalada em sua fundação, vulnerabiliza o sujeito aos maus ventos da vida. Diante das tempestades, desinveste com mais facilidade seu contorno e valor. As operações de resgate – de automutilação ou de envolvimento em verdadeiras guerras domésticas, por exemplo –, embora tentativas de autocura, apenas momentaneamente detêm o tsunami que ameaça infiltrar suas margens.

Esse derramamento, que inunda territórios e apaga as divisões psíquicas organizadoras, testemunha o fracasso na tramitação pulsional por outros meios.

Em trabalho anterior (AZEVEDO, 2021), a propósito do material clínico de Luna, com quem eu me via precisando trabalhar quase clandestinamente – como que sem a paciente perceber estarmos trabalhando –, pude resgatar a vivência de dor apontada por Freud (2001b) no *Projeto para uma psicologia científica* como capaz de orientar o funcionamento psíquico para garantir sua evitação. Embora pouco lembrada como vivência originária ao lado da vivência de satisfação, a dor está recuperada nas contribuições de Green, Pontalis e Benno Rozenberg, e foi com base nesses autores que busquei propor ter sido a dinâmica prazerosa no contato analítico o que permitiu à paciente passar da posição de gostar da analista, mas não suportar análise, para aguentar aproximar-se das marcas de que tanto evitava chegar perto. A falha na instauração do masoquismo erógeno primário, primeira ligação, favorecida pelo trabalho do objeto e promotora da intrincação

pulsional, dificultava a suportabilidade do atravessamento da dor no revisitar de suas trilhas. O traumatismo primário se revelava capaz de impedir a instauração do princípio de prazer como organizador do psiquismo e nos colocava desafios muito próprios em suas sessões.

A POSIÇÃO FÓBICA CENTRAL E A EVITAÇÃO DE COMUNICAR EPICENTROS

No artigo *A posição fóbica central*, em que Green (2002) apresenta de forma mais extensa o caso Gabriel, ele também formula uma teoria original de trauma. Não o pensa como eventos cataclísmicos únicos, nem cumulativos (Masud Kahn), tampouco como o evento mais primitivo.

Com Gabriel, Green sentia nas sessões um movimento perturbador de confusão temporal, que percebeu não ser aleatório, mas uma estratégia defensiva do eu de antepor obstáculos à inteligibilidade e à criação de sentido, que se não impedidos resultariam traumáticos. O movimento de fuga da arborescência reticular da associação tentava sistematicamente asfixiar a formação de uma visão de conjunto que fizesse sentido. A barreira criada impedia que o rio do pensamento pudesse correr pelo seu curso.

Após anos junto a Gabriel, Green finalmente conseguiu aproximar alguns dos diferentes episódios que ameaçavam reverberar entre si: a experiência de aleitamento com um seio purulento e vazio de leite – não percebido pela mãe até sua quase desnutrição –, a intervenção do pai que o enviou a uma ama de leite no interior, onde a mãe não o visitava, a espera pelas visitas que nunca vinham quando foi estudar no internato, a dimensão incestuosa da mãe que o fazia se passar por seu marido ou irmão, e que não o visitava por não aguentar se separar e suas próprias fantasias de conexão incestuosa secreta. Num dos episódios de espera dolorosa quase insuportável, Gabriel responde com uma alucinação negativa de sua própria imagem: “Isso não pode ser eu”, diz olhando-se no espelho com o rosto contorcido.

Em sessão, Green percebe que o pensar de Gabriel se detinha para que não resultasse num novo momento como aquele, em que a imagem de si em estado de completo desvalimento e impotência se completasse. O desinvestimento do trabalho representativo cuidadosamente evitava que se tocassem áreas de instabilidade, onde o terreno psíquico era mais sujeito a tremores capazes de reverberar entre si e resultar numa hecatombe narcísica, tão devastadora quanto um grande terremoto no eu.

Na posição fóbica central, como adotada por Gabriel, a vigilância constante evita secretamente qualquer movimento interno que possa desencadear a reativação dos diferentes núcleos traumáticos, epicentros sísmicos, entrecruzamento das diversas linhas traumáticas que, juntas, produziriam novas ondas de choque e se transformariam num evento de grande magnitude.

O ataque sistemático à associação livre se revela, portanto, uma autoproteção ao traumático, que nos casos limite não são eventos únicos, mas uma pluralidade de focos impedidos de se juntar. O quadro completo, quando as diferentes experiências ganham configuração de conjunto, é intuído como promotor de um estado de desamparo insuportável e responsável pela sensação de incapacidade para continuar a manter os limites de sua integridade.

Essa posição defensiva, ao precisar manter afastados os epicentros que poderiam abalar a dimensão narcísica primária, torna-se uma solução autolimitante com o custo significativo de tornar a vida psíquica cada vez mais restrita e empobrecida. Como em uma cidade que, após um grande terremoto, decide isolar as áreas mais afetadas, criando zonas inteiras desabitadas e sem comunicação.

O TEMPO MORTO: TRAUMA E DESOBJETALIZAÇÃO

A temporalidade cronológica linear aparente de nosso dia a dia se revela limitada para acompanhar o trabalho da psicanálise, o funcionamento da associação livre e seus impasses, assim como seus efeitos sobre as versões do vivido. Ela é produto de uma elaboração secundária que se desvanece ante o trabalho associativo, como bem demonstram *os sonhos, os sintomas, a transferência, as noções de fixação, regressão, clivagem e fantasias originárias*. A obra freudiana a todo momento reafirma a complexidade temporal em vigência no psíquico, contradizendo a sucessão ordenada em passado, presente e futuro. Mas é justamente com relação ao trauma que a temporalidade se mostra escancaradamente mais complexa do que se poderia supor num primeiro olhar.

Na carta 52 a Fliess, muito antes da virada de 1920 em que teorizou o *Além do princípio de prazer* (FREUD, 2001c), Freud (2001a) mencionou inscrições que se mantêm fora da cadeia representativa, apartadas do trabalho de transcrições e retranscrições que conduziria a representações de palavras. As chamou *füeros*, em referência à antiga lei espanhola que vigorava fora das políticas feudais vigentes, abrindo caminho para pensar dimensões do psiquismo operando com leis paralelas. Na temporalidade psíquica coabitam diferentes tempos, e em alguns desses *füeros* encontramos a mágica que mantém a indiscriminação fantasiada em um corpo para dois (MCDUGALL, 1982), ou a fantasia de poder deter o tempo (GREEN, 2000).

A compulsão à repetição atesta esse assassinato do tempo. O tempo morto, aquém do princípio do prazer, coagula a temporalidade em uma “careta enigmática” (GREEN, 2000, p. 97), capturada no tempo do trauma. Uma modalidade de funcionamento pulsional animado por uma coação. A lógica da esperança que conhecemos na neurose é substituída pela lógica da desesperança, que não supõe na reexcitação das marcas mnêmicas o reencontro prazeroso com o objeto. O que prevê, ao contrário, é a repetição do estado de desamparo que precisa ser evitada a todo custo.

HERÓIS DO NEGATIVO

As contribuições para a teoria do trauma que vemos neste artigo se valem da riqueza e da complexidade desse conceito que acompanhou o desenvolvimento da nossa disciplina. Articulam aportes dos diferentes autores que expandiram e diversificaram essa noção em suas dimensões pulsionais, ambientais e relacionais, de modo que é possível reconhecer nelas a potência do diálogo horizontal entre pares, e a herança principalmente de Freud, Ferenczi, Winnicott, Bion e Lacan. De forma coletiva, eles têm o mérito de oferecer uma compreensão matizada dos efeitos do trauma no psíquico e de suas implicações para a prática clínica da psicanálise nos negativos paradoxais.

Pontalis (2017) formula a feliz expressão “heróis do negativo”, que nos permite nomear uma espécie de adoração pelo avesso que atesta o vínculo indestrutível que a incapacidade de separação primária suficientemente boa faz operar, sequestrando o sujeito no mesmo cativo que tenta capturar o objeto. Seja pensado como desafetação (MCDUGALL, 1989), desejo de não desejo (AULAGNIER, 1979) ou narcisismo negativo e desobjetalização (GREEN, 2010), o desinvestimento da própria realidade psíquica está reconhecido como efeito paradoxal das ameaças ao eu no traumático. Em contato com as transferências limite, Pontalis, Green, McDougall e Aulagnier, cada um a seu modo, apontam para o papel do objeto primário em favorecer ou não a intrincação pulsional e a autonomia de pensamento do futuro sujeito.

Esses autores escutam de um modo tal que o narcisismo e o sexual não ficam separados em polos opostos. O fundamento pulsional é mantido na perspectiva contemporânea, os movimentos destrutivos e sexuais são reconhecidos em conexão com o pulsional do objeto. O

psíquico, codeterminado pelo par pulsão-objeto, é considerado por esses autores articulado a uma metapsicologia do eu. Um eu que, tal como a Terra, tem uma história de transformações a partir da mistura e cuja estabilidade de investimento pode ser perturbada. O traumático nessas teorizações não homogêneas tem em comum o abalo à estruturação narcísica primária, implicando modos de simbolização limite e formas de organização pulsionais e identificatórias que afetam os destinos da onipotência imprescindível à vida.

Maria, Georgette, Gabriel e Luna não fazem ver apenas a heterogeneidade das situações traumáticas. Testemunham, além disso, as diferentes soluções ativas desenvolvidas até então para sobreviver psicicamente e os impactos na organização de suas fronteiras.

Tal como diante da potência destrutiva de furacões, terremotos, erupções vulcânicas ou enchentes, a urgência não pode menos que recrutar os recursos defensivos mais radicais, responsáveis por cicatrizes duradouras com as quais lidamos na clínica em transferência.

Do lado de cá da poltrona, o psicanalista é mobilizado contratransferencialmente e disponibiliza seu trabalho psíquico para pescar imagens que favoreçam figurabilidade e dinâmica de jogo para lidar com modalidades implosivas e explosivas de relações passionais, estados de não discriminação afeto-representação. Apostando na capacidade poiética do psíquico, o psicanalista trabalha de modo processual, rastreia as peculiares modalidades de simbolização num contexto transicional falho e participa do teatro pessoal de seu paciente, inventando modos de transformar “loucura em jogo e morte em ausência” (GREEN; URRIBARRI, 2019).

Os caminhos do trauma são múltiplos e suas respostas, variadas. A vida psíquica, tal como um terreno geológico, mantém-se em constante movimento, com tensões invisíveis que, ao reverberarem entre si, rompem as superfícies aparentemente estáveis. Nós psicanalistas, como sismógrafos sensíveis, capturamos as vibrações mais sutis e participamos com nosso próprio corpo e psíquico para metabolizações e a retomada de soluções criativas. Uma tarefa árdua, que para ser honrada, leva-nos a explorar as trilhas abertas por todo o movimento psicanalítico.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, B. H. A captura no circuito da dor: um desafio clínico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 55, n. 2, 2021.
- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. (Trabalho original de 1975).
- FREUD, S. Conferência XVIII: fixação em traumas: o inconsciente. In: FREUD, S. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). (Trabalho original de 1916-1917).
- FREUD, S. Construções em análise. In: FREUD, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. São Paulo: Autêntica, s.a. (Trabalho original de 1937).
- FREUD, S. Fragmentos de la correspondência com Fliess. Carta 52. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001a. (Trabalho original de 1950 [1892-99]).
- FREUD, S. Más allá del principio de placer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001c. (Trabalho original de 1920).
- FREUD, S. Moisés y la religión monoteísta. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001d. (Trabalho original de 1939 [1934-1938]).
- FREUD, S. Proyecto de psicología. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001b. (Trabalho original de 1950 [1895]).
- GREEN, A. Après coup, o arcaico. In: GREEN, A. *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 1990b. (Trabalho original de 1982).
- GREEN, A. *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.

- GREEN, A. La posición fóbica central. Con un modelo de la asociación libre. In: GREEN, A. *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu, 2002.
- GREEN, A. O conceito de limite. In: GREEN, A. *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 1990a. (Trabalho original de 1976).
- GREEN, A. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: GREEN, A. *O trabalho do negativo*. São Paulo: Artmed, 2010. (Trabalho original de 1993).
- GREEN, A. *Um psicanalista engajado: conversas com Manuel Macias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- GREEN, A.; URRIBARRI, F. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*. Diálogos. São Paulo: Blucher, 2019.
- MCDUGALL, J. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- MCDUGALL, J. *Teatros do eu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- O DIA em que eu não nasci. Direção: F. Cossen. Alemanha: Art/Screndip, 2011.
- PONTALIS, J.-B. Après Freud, avec Freud à l'écoute des voix Nouvelles de la psychanalyse. In: COLLECTIF. *Après Lacan: le retour à la clinique*. Entretiens et introduction par Fernando Urribarri. Paris: Itaque, 2017.
- URRIBARRI, F. Après Lacan: une brève histoire du futur de la psychanalyse contemporaine depuis ses origines post-lacaniennes. In: COLLECTIF. *Après Lacan: le retour à la clinique*. Entretiens et introduction par Fernando Urribarri. Paris: Itaque, 2017.
- WINNICOTT, D. W. O medo do colapso (breakdown). In: WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. (Trabalho original de 1974).